



Maria Clara R. M. do Prado

## 2003, ou ano do *economia - Brasil* ajuste econômico

Quando se observa, um a um, os dados da economia brasileira projetados ontem pelo IPEA, um órgão do governo, chega-se facilmente a uma conclusão: está tudo pior, com exceção apenas da inflação.

O PIB será mais baixo. Pode fechar o ano com aumento de apenas 1,5%. O nível do desemprego deve ficar acima do que havia sido anteriormente previsto e a renda real do trabalhador tende a recuar 2,2% este ano, mais do que a queda de 1,2% antes projetada pelo mesmo IPEA, para 2003.

Mesmo a inflação dá sinais de retrocesso lento. Está em ritmo de queda, mas os núcleos apurados pelas mais diferentes metodologias ainda apontam para uma inflação alta.

A inflação é, ao lado do desemprego, responsável pela queda real da massa salarial.

Considerando a nova proje-

qualquer jeito, e não deixa de ser surpreendente a coragem do comprometimento com um superávit fiscal de 4,25% do PIB, ao ano, até 2005", disse ele, falando em nome próprio.

Mas não deixa de dar certa razão àqueles que acusam o Banco Central de estar sendo ultraconservador.

"O Banco Central está cometendo o mesmo equívoco que cometeu no ano passado ao agir totalmente defasado, dando muito peso à inflação corrente sem levar em conta que os efeitos da política monetária só surgem seis meses adiante", avalia Eustáquio, para quem este ano de 2003 dificilmente apresentará grandes reversões de rumo, ainda que o BC se decida pela redução dos juros no próximo Copom.

Vive-se hoje o reflexo do aumento dos juros do final de 2002. Sequencialmente, os ju-

Relação câmbio/salário\*



Fonte: IPEA \*Índice (dez. 1998 = 100)

ção do IPEA para a variação acumulada do IPCA no ano — de 11,5%, pouco mais de um ponto abaixo da estimativa anterior de 12,6% —, aquele recuo de 2,2% na renda real do trabalhador significa, na prática, que a classe assalariada só conseguirá aumentar os salários, em média, em torno de 9,3% em termos nominais, abaixo portanto da inflação do ano.

Pergunta: todo esse sacrifício vai valer a pena ou terá ele sido exagerado?

No fundo, é essa pergunta que está por trás do debate sobre o nível da taxa de juros. E, a rigor, ninguém saberia respondê-la com uma margem de segurança confortável.

Boa parte do governo do PT, além de inúmeros analistas e empresários, diria que o sacrifício é exagerado.

Pequena parte do governo do PT, além de poucos analistas e pouquíssimos empresários, diria que o aperto vai garantir a bonança no futuro.

É cedo, mas 2003 pode entrar para a história como o ano em que, finalmente, a economia brasileira se ajustou.

O economista Eustáquio Reis, do IPEA, tem uma boa visão da economia e concorda que a inflação ainda emite "sinais inquietantes" e que o novo governo tem usado as políticas monetária e fiscal para restaurar a credibilidade no País.

"Isso tinha de ser feito de

ros de hoje vão repercutir ao longo dos próximos meses.

Mas, em economia, como de resto, nenhum acontecimento vem desamarrado de outro.

Eustáquio acata a argumentação de que os juros altos ajudaram a desarmar o descomunal processo de desvalorização do real iniciado em 2002.

O gráfico acima, do IPEA, mostra o extraordinário ganho dos exportadores em 2002. Não foi o paraíso dos anos 80, mas quando se divide a receita das exportações em reais pelos salários chega-se a uma relação câmbio/salário que ainda hoje, mesmo com a apreciação cambial de 2003, é o dobro da posição em final de 1998.

Esta é uma das formas de se medir a rentabilidade do exportador. Parte da idéia de que "ao fim e ao cabo", diz Eustáquio, o salário é o único determinante dos custos internos.

Se o recuo de 2,2% na renda real do trabalhador se confirmar e, supondo que o câmbio fique este ano na média entre R\$ 3,15 e R\$ 3,20 — foi de R\$ 2,90, em 2002 —, o exportador ainda terá muita gordura para gastar. O trabalhador, por sua vez, ganhará adiante com a queda da inflação garantida pela apreciação cambial.

E-mail: mprado@gazetamercantil.com.br

(Esta coluna sai todas as terças, quintas e sextas-feiras)